

| Ensaio

POESIA DE AMOR – AMOR PELA POESIA: SEM PROVAS DE QUE EROS NOS PERDOA

Por Ney Paiva

*“Os poetas brasileiros não morrem em revoluções.
Quando elas acontecem, os bardos nacionais
preferem segurar os empregos.
Na Revolução de 30 não morreu um só Dante
de Cascadura para contar como é descer ao inferno.”*

Fernando Monteiro

UM GRANDE PROBLEMA talvez não mais da Poesia e sim dos poetas no Brasil, dos poetas que vão amanhecendo cada vez mais cedo com novos livrinhos gestados na toxidade noturna do mercado editorial – esse que a todo custo anuncia a um país que não lê, que não lê sobretudo poesia, o seu Grande e Desmesurado Poeta para uso compulsório e descartável, pois bem, talvez o grande problema, que também muito contribua para que essa maquinaria opere observando leis, regras e etiquetas próprias, colocando à parte a promoção, circulação e discussão da Poesia, seja o fato de que os poetas entregues a seus transes festivos amam cada vez mais não a Poesia (essa substância maior a que até mesmo o Estado parece querer banir com suas instituições desestabilizadoras da cultura artística), mas apenas a “sua” diluída e hibridizada poesia, conectada a seu umbigo.

Poetas amantes de si mesmos. Velhos e jovens, que bem ao contrário do vinho, quase nunca melhoram com o passar dos anos, apenas envelhecem e pioram a safra e reprisam o ciclo decadente. Atados a uma mesma teia cada vez mais estranha à Poesia e a seu desenvolvimento como organismo relevante. E do mesmo modo que falar inglês não resolve

e estabelece uma comunicação global, o declínio da Poesia mesmo nos ambientes de cultura aparentemente cultos não se reverte pelo anúncio e acúmulo diários dos nomes e dos respectivos “livros à mão cheia”. O mercado, neste caso, não de amor, mas de puro negócio, não é a melhor reação. Ele não tem como fecundar, renovar e mesmo ampliar as possibilidades de acesso e circulação, de incendiar corações e mentes com a Poesia, este Amor que quando se revela é sempre uma descoberta transformadora – “crescer, criar, subir”.

Amor pela Poesia. Nele e através dele, diz Mário Faustino, não há a imprecisão do “etc”. Com o surgimento da internet e da tecnologia digital esse Amor não prosperou. Ampliaram-se às escâncaras os egos invioláveis, isto sim. Os tributos ao “eu” e ao “meu”. Território de livre circulação a toda sorte de investidas, a Poesia perdeu espaço aí. Apequenada, reduzida energia à baixa intensidade, o mercado a colocou sob sua cúpula como objeto estático, dependente e isolado. E apenas pelo efeito ilusório das vitrines a Poesia aparenta ter sido prolongada em redes como os outros segmentos. Resulta disso é que raros livros quase despercebidos como este “Vi uma foto de Anna Akhmátova”, de Fernando Monteiro, a prorrogam desde uma ida banal à padaria na esquina, ao bar ou à praia até a viagem incomensurável para o outro lado do mundo, com a qual os grandes mercados turísticos das Festas, Feiras e Bienais do livro estão de passos trocados e por isso mesmo não têm como enlaçar as mãos num momento de afeto.

Inverossímil Viagem de Amor. Isto não apenas por um deslocamento subjetivo entre Brasil, Ucrânia e Rússia que esta escrita promove, sem medir nem desmentir a distância de uma Akhmátova e uma Clarice (lado a lado a outras articulações: Hilda Hilst, Adélia Prado, Olga Savary, Marize Castro) – não mais uma viagem pelo “mesmo” como tantas histórias a contar ou a representar dos dias adversos, aqui e alhures, não mais um “poema-clichê de sofrimentos/de poetas perseguidos”. Antes, uma poesia de deslocamentos, que reflete inclusive as condições de leitura de duas grandes escritoras em vários trânsitos de importância, tentando escapar sobretudo ao intimismo a que sempre são lançadas. Fernando Monteiro não ilustra quem tenha sido Anna ou Clarice. Ele relaciona. Parte de uma imagem a outra, sobrepondo-as, sem atá-las umas às outras. De uma Anna correlata a uma Clarice. Do Recife intercambiável a Tchetchelnik a Moscou a Paris a que lugar mais seja. Na foto como no poema o que se quer abordar são terras desconhecidas. Conectar o que está por vir. Nunca a paisagem, mas a vida como uma estranha jornada. “Você pode ver numa foto o que não está nela”.

Variações e revezamentos do olhar. A nuance. O conciso. O espelho. “Se eu errei ao nascer,/ela errou ao dar a luz./Se eu estou ainda aqui,/ela não está mais”. Ver Anna Akhmátova implica ver o impreciso que se é: episódios imperfeitos, evanescentes de calma e indiferença. Ainda que Clarice tenha flertado como jornalista com o mundo insípido da moda, não foi nunca como a mulher de um futuro ideal, utópico, lunar (“Princesa da Lua, por que você voltou?”), de certo como a sobrevivente desfavorecida num ambiente de cultura que nem mesmo hoje pode admitir uma “Esparta moderna”. A imagem de uma se conecta a outra, duas (quantas?) replicadas mulheres desmunidas de afeto, lançadas ao jogo de se prender e se soltar antes que se esgotem os prazos. Embaralhadas e dispostas a um mesmo combate. Escapar às ratoeiras domésticas da casa (apanhar depois de cozinhar bolos etc.) ou às ratoeiras das vitrines da vida moderna.

*Clarice não podia ter saudade
de dois meses de vida em Tchetchelnik
na Ucrânia de árvores nacaradas.*

De que poderia ter saudade Clarice? “da casa entre movelarias e sebos/vinda da Ucrânia para o coração/deste bairro de esquecidos”, “do centro da cidade onde viveu/a descoberta do mundo no Recife”, “de imigrantes deslocados”? Clarice-criança não tinha como saber que moveria esse mundo morro acima para o lado da modernidade. Essa Clarice de quem temos que ter saudade. Da adolescente que deu a ver a linguagem daí há pouco definida mundo afora como “clariceana”, pois escapa a um modo burocrático de lidar com a escrita no espaço público (jornalismo, universidade, diplomacia) onde a mulher ocupa funções anônimas, e ela nos chega muito mais como singularidade a se prorrogar do que como originalidade pueril. Quantas Clarices aí? (“ainda que vivas outra vida, não há saída”).

A casa ficou só. Ela reformou aqueles versos:
“Esta mulher está só”
virou:
“Esta mulher está no fim”.

De que vida poderia ter saudade Akhmátova se perdeu todas de antemão? “de Lev, o filho” que vieram buscar como o pai, sem acusação formal, sem julgamento, para ser morto? Uma mulher no fim das contas encadeada a tantos outros finais, a coisas que se partem

sem concerto algum. Ela não tem escolhas: terá que engendrar a si mesma como poeta e ocupar um lugar nunca reservado à mulher. Desenfreada, irreverente, desconcertante – em posições de ataque e afrontamentos, ativa, que portanto prejudicou a si própria. Nos espaços codificados da guerra o êxito da mulher se duplica em um fracasso mais profundo. (“tantos poetas mortos,/tudo fazia crer/que algo andou errado/muito errado).

A Poesia é um esgotamento que se reveza e ramifica pelo corpo até o poema. Fernando Monteiro o inventa a seu modo – o modo do grande poeta que se põe a desfalecer, ele mesmo, no que escreve. Um poema longo, como almejava Mário Faustino e que Fernando acata, realiza e sai de cena, pois agora que vai escrever sequer pode escovar os dentes. Quede o poeta? Irreconhecível no fedor do livro. Pouco dele resta aí como autor, no livro de uma editora não comercial, de Fundação sem fundos, mas de gente atenta e sensível. Não fica de fora nem a gravata, sequer a foto de orelha. Tudo que se vê como fulgurações é Poesia. Amor precipitado que Fernando Monteiro nutre pelo livro que resolveu fazer e por todos os grandes livros que amou, entre eles um “muito velho”, “de capas vermelhas” PÉROLAS DA POESIA RUSSA “na lombada desbotada”. E se olhássemos bem de perto dentro dos olhos do poeta logo poderíamos ver Akhmátova e Clarice qual Ulisses numa viagem sem erros.

NEY FERRAZ PAIVA (Pernambuco/Pará) – Poeta e Ensaísta. Autor de *Não era Suicídio sobre a relva* (2000) e *Nave do Nada* (2004), entre outros. Blog: <http://www.hospiciomoinhosdosventos.blogspot.com/>

Copyright © 2010, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.